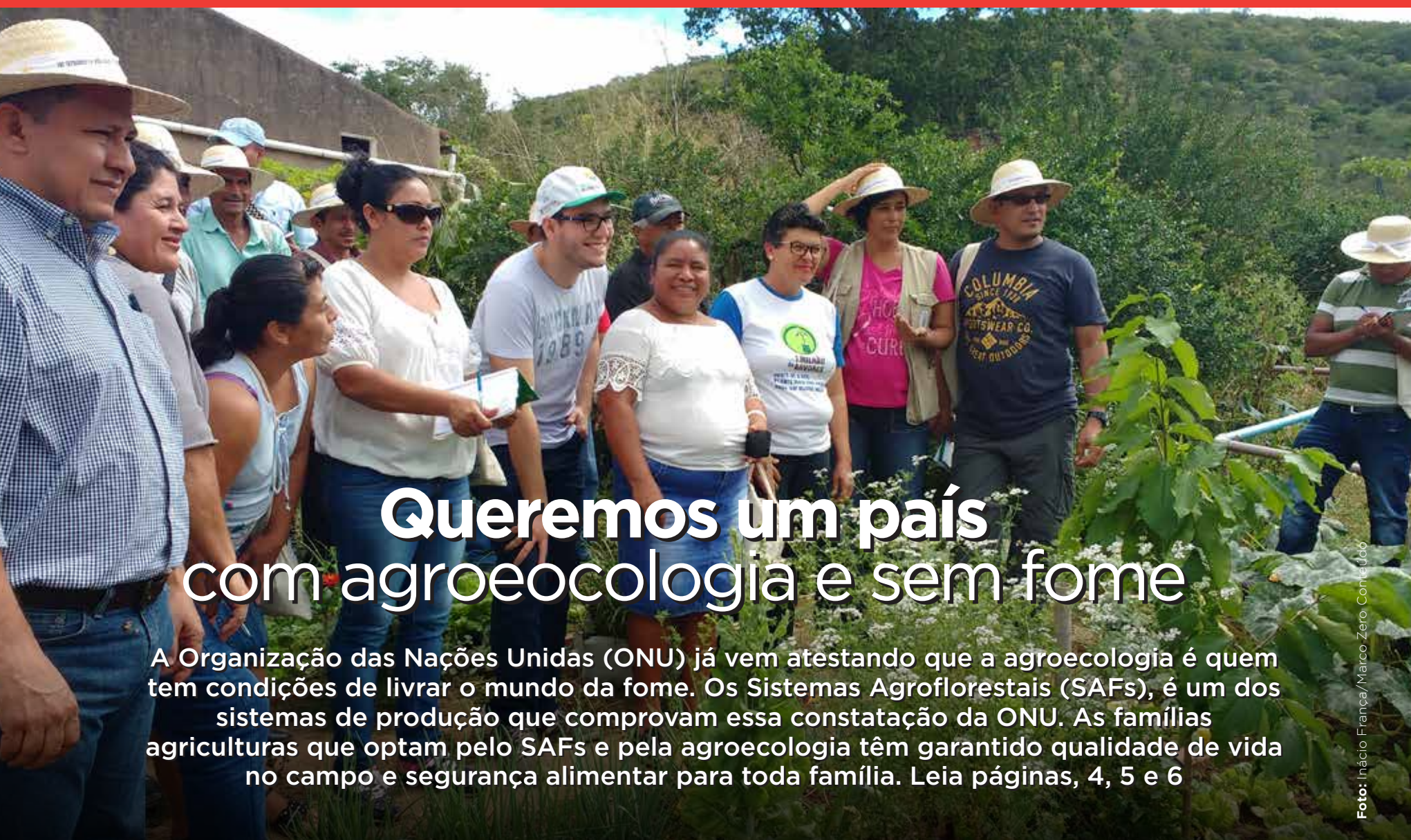




Dois Dedos de PROSA

Nº90 - Recife/PE - Julho/2018



Queremos um país com agroecologia e sem fome

A Organização das Nações Unidas (ONU) já vem atestando que a agroecologia é quem tem condições de livrar o mundo da fome. Os Sistemas Agroflorestais (SAFs), é um dos sistemas de produção que comprovam essa constatação da ONU. As famílias agricultoras que optam pelo SAFs e pela agroecologia têm garantido qualidade de vida no campo e segurança alimentar para toda família. Leia páginas, 4, 5 e 6

Foto: Inácio França/Marco Zero Come Tudo

Troca de Experiências entre
Agricultores/as da América
Central e Brasil

Página 3

Mulheres de Palha de Arroz
buscam organização da
comunidade

Página 7

Legados do IV
ENA

Páginas 2 e 8

Nossa luta é pela democracia e bem viver

O Centro Sabiá celebra os seus 25 anos neste mês de julho. É uma jovem organização que constrói sua caminhada no respeito às liberdades. Preza pelos princípios democráticos e participativos onde homens, mulheres, jovens e adultos tenham vez, voz e possam viver dignamente.

Nesses 25 anos de história o Centro Sabiá pautou nas suas ações a Agroecologia e fortaleceu os Sistemas Agroflorestais (SAFs) junto com as famílias agricultoras de Pernambuco. Hoje, diversas famílias são referência em SAFs em nosso estado. Também vem das suas iniciativas as primeiras feiras agroecológicas no Recife. Atualmente, organizadas no Espaço Agroecológico levando alimentos saudáveis para a população desse município. E, no interior, diversas outras feiras foram se organizando e abastecendo a população local.

Esses espaços de comercialização, alimentam o diálogo entre o campo e a cidade. Fortalecem os laços de solidariedade e apontam caminhos para que as pessoas pensem a vida com a possibilidade do bem viver nos meios urbanos e rurais.

É importante celebrar esses 25 anos, porque as conquistas fortalecem as lutas que se apresentam difíceis no momento atual.

Campo e cidade unidas no IV ENA

Por Rivaneide Almeida

Foi um alento, uma renovação, um daqueles momentos de magia. A agroecologia, integrando campo e cidade, cultura, música, poesia, saberes e sabores num só lugar. Tudo isso aconteceu em Belo Horizonte-MG, de 31 de maio a 03 de junho. Lá, reuniram-se mais de duas mil pessoas do Brasil inteiro, num ato de coragem e resistência, num contexto de muitas ameaças aos direitos conquistados pelo povo brasileiro. O IV Encontro Nacional de Agroecologia (IV ENA), foi, acima de tudo, uma bandeira levantada em defesa da vida e da democracia.

A Caravana de Pernambuco marcou presença, contribuindo na construção desse encontro, com suas experiências,

representadas nas Instalações Pedagógicas dos Biomas Caatinga e Mata Atlântica. Oficinas e Plenárias também se multiplicaram pelo Parque Municipal de Belo Horizonte, onde debates e trocas de conhecimentos deram o tom do Encontro.

Mulheres, jovens e povos tradicionais foram protagonistas de diversas ações no IV ENA. Seus gritos de liberdade, suas danças, comidas, suas ervas de cura, a valorização dos saberes, da diversidade e de uma cultura de paz e tolerância estiveram presentes em todo Encontro. O IV ENA reforça, em cada uma e cada um de nós, a certeza que não deixaremos de lutar pela democracia e por um mundo mais justo. A adversidade só nos torna mais fortes e resistentes.



Foto: Rivaneide Almeida

As mulheres levaram o seu grito de sem feminismo não há agroecologia, mostrando o poder da luta da mulheres

Apoio: **CARITAS** Schweiz
Suíça
Svizzera
Svizzera

Dois Dedos de Prosa é uma publicação do Centro de Desenvolvimento Agroecológico Sabiá. Rua do Sossego, 355, Santo Amaro, Recife/PE – CEP: 50050-080 – Fone/Fax: (81) 3223.7026 e (81) 3223.3323 – E-mail: sabia@centrosabia.org.br – www.centrosabia.org.br – **DIRETORIA** - Presidenta: Joelma Pereira. Vice-presidente: Kurt Habermeier. Secretário: Flávio Duarte. Conselho Fiscal: Alaíde Martins, Edna Maria e Tone Cristiano. **COORDENAÇÃO** - Coordenação Geral: Alexandre Henrique Bezerra Pires. Coordenador Técnico Pedagógico: Carlos Magno de Medeiros Morais. Coordenadora Administrativo Financeira: Vânia Luiza Silva. **EQUIPE DE TRABALHO**: Aniérica Almeida, Ana Lúcia, Caliandro Daniel, Darliton Lima, Davi Fantuzzi, Demetrius Falcão, Germana Vila, Gideão Patrício, Gustavo Henrique, Hesteólivia Shyrlley, Iran Severino, Ivanildo Carneiro, Janaina Ferraz, Jessica Marzac (Voluntária), Juliana Peixoto, Júlio Valério, Jullyana Lucena, Maria Edneide, Natália Porfírio, Nicléia Nogueira, Pedro Eugênio, Raimundo Daldemberg, Rivaneide Almeida e Rodrigo Lopes. **GERÊNCIA ADMINISTRATIVO-FINANCEIRA**: Verônica Batista. **NÚCLEO DE COMUNICAÇÃO**: Laudénice Oliveira (DRT/PE – 2654). **EDIÇÃO**: Laudénice Oliveira. **NÚCLEO DE MOBILIZAÇÃO DE RECURSOS**: Maria Cristina Aureliano. O Trabalho do Centro Sabiá também recebe apoio das seguintes organizações: ActionAid, CESE, Misereor/KZE, terre des hommes schweiz, BNDES, Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Secretaria de Agricultura e Reforma Agrária-PE (Sara)/Secretaria Executiva de Agricultura Familiar-PE (Seaf). **PROJETO GRÁFICO**: Alberto Saulo. **DIAGRAMAÇÃO**: Thiago Almeida. **IMPRESSÃO**: Gráfica Famar. **TIRAGEM**: 2.000 (dois mil) exemplares.

Agricultores/as fortalecem laços para convivência com o Semiárido na América Latina

Por Alexandre Henrique Pires



Foto: Inácio França/Marco Zero Conteúdo

Agricultores/as de Honduras, Guatemala, El Salvador e Chile conheceram experiências agroecológicas de famílias do Semiárido de Pernambuco e Paraíba

A Articulação Semiárido Brasileiro (ASA Brasil) tem refletido e buscado construir estratégias de cooperação com outros países do hemisfério Sul, a partir de sua experiência de incidência na construção e gestão de políticas públicas para o Semiárido. Em 2017 a ASA estabeleceu parceria com o Órgão das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO), com o objetivo de promover a troca de experiências entre agricultores/as do Semiárido brasileiro com agricultores/as

do Corredor Seco da América Central e da região do Sahel na África.

As trocas de experiências foram planejadas a partir de intercâmbios entre agricultores/as, sistematização de experiências, oficinas de construção de cisternas e intercâmbio entre gestores públicos. As primeiras etapas já aconteceram. Em abril um grupo de 13 agricultores/as e 5 assessores/as do Semiárido brasileiro visitaram El Salvador e

Guatemala, no Corredor Seco da América Central.

No final de junho, agricultores/as e assessores da FAO de El Salvador, Guatemala, Honduras e Chile vieram conhecer o trabalho para a Convivência com o Semiárido. Também participou do intercâmbio um representante da HEKS no Brasil, agência da cooperação Suíça que desenvolve ações de apoio à organizações locais na América Central e no Cerrado brasileiro.

Intercâmbio para troca de saberes

O grupo de intercambista teve a oportunidade de conhecer as experiências desenvolvidas pelas organizações da ASA no Semiárido da Paraíba e Pernambuco. Em Pernambuco, a comitiva foi acolhida pelas organizações que atuam no território do Agreste Setentrional – Centro Sabiá, ANE e Agroflor. Os *hermanos* trocaram saberes com agricultores/as dos municípios de Bom Jardim e Cumaru. Conheceram as estratégias de implantação do programa

cisternas, as práticas de gestão da água para o consumo e produção de alimentos. Também conheceram as dinâmicas de mobilização e gestão das Casas Comunitárias de Sementes. Biodigestores, casa de farinha, canteiros econômicos, Sistemas Agroflorestais foram algumas das tecnologias sociais conhecidas. O intercâmbio encerrou na Feira Agroecológica das Graças, em Recife.

A expectativa é que o conjunto dessas iniciativas fortaleça os laços entre os agricultores/as desses países. Contribua para que a perspectiva da convivência com o Semiárido seja incorporada nas práticas das famílias e das organizações, bem como possa ser assumida por governos e agências multilaterais, como é o caso da FAO, como uma perspectiva de política pública para as áreas secas do planeta. As próximas etapas da cooperação entre ASA e FAO, devem ocorrer até início de 2019. ■

Nossa fome é de **bem viver**

Enquanto o governo brasileiro leva o país de volta ao mapa da fome, agricultores e agricultoras percorrem o caminho de ter o prato cheio de comida saudável com os Sistemas Agroflorestais

Por Laudence Oliveira



Agroecologia promove segurança alimentar, produção agrícola diversificada, geração de renda e preservação ambiental

O segundo Objetivo do Desenvolvimento Sustentável (20DS), da Organização das Nações Unidas (ONU), para ser alcançados até 2030, prevê “acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável”. Um objetivo que pelo andar da carruagem parece difícil de ser atingido pelo Brasil, dadas as medidas que vêm sendo tomadas pelo governo brasileiro. O país corre o risco de voltar ao mapa da fome e já se constata um aumento na mortalidade infantil, o que colabora e muito para não se chegar a atingir os Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

Dentre as medidas tomadas pelo governo Temer e que rebatem junto as populações mais desassistidas estão a exclusão de mais

de um milhão de famílias do Programa Bolsa Família, cortes no Programa de Aquisição de Alimentos (PAA) e a reforma trabalhista – com o aumento do desemprego. Junta-se a isso, o Projeto de Emenda Constitucional, a chamada PEC do fim do mundo, que congelou por 20 anos os investimentos públicos, atingindo áreas estratégicas como saúde, educação, assistência técnica para o meio rural, entre outras.

Mais veneno em sua mesa

No Congresso Nacional os Projetos de Lei (PL) colocados em votação, em sua maioria, só traz prejuízo para brasileiros e brasileiras, como o PL 6299/2002 do pacote de veneno, como foi batizado, que propõe a liberação de venda e uso de agrotóxicos. O Brasil já é líder mundial em

consumo de agrotóxico. E, os deputados da bancada ruralista querem derrubar as últimas barreiras das nossas leis que regulam a compra e o uso desses venenos. Colocando em risco a saúde da população que consome os produtos, os trabalhadores e trabalhadoras que precisam lidar com esses venenos, a terra e os nossos recursos hídricos que são contaminados. “A gente nunca teve um congresso favorável às lutas sociais e esse é um dos mais atrasados que já tivemos na história deste país. E, quem está aprovando esse PL, basicamente, é a bancada ruralista em articulação com a bancada do atraso. Os donos do agronegócio tão lá e são os mais interessados nessa aprovação”, explica a médica sanitária e pesquisadora da Fiocruz, Ydê Gurgel.

Uma resposta para matar a fome no planeta

A necessidade de repensar a produção de alimentos no mundo vem sendo colocada na pauta internacional. Organismos como a Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO), vem apontando a agroecologia como caminho para acabar com a fome no mundo e preservar a nossa biodiversidade. As formas de produção incentivadas pela chamada Revolução Verde, desde a década de 60, propagando o uso de agrotóxicos, fertilizantes químicos e sementes modificadas em laboratórios, dentre outros, só fortaleceram grande corporações do agronegócio e vêm destruindo os recursos naturais do planeta.

No Brasil, o Movimento Agroecológico vem avançando nos processos de incentivo as famílias agricultoras em desenvolver formas de produção de alimentos sustentáveis. Em Pernambuco, o Centro Sabiá focou seu trabalho nos Sistemas Agroflorestais (SAFs) junto às famílias

agricultoras do estado. A multiplicação desse sistema de produção de base agroecológica ganhou credibilidade entre agricultores e agricultoras que já tinham perdido a esperança de recuperar sua terra e viver bem no meio rural.

Hoje, nos seus 25 anos de existência, o Centro Sabiá tem muito o que festejar junto com as famílias agricultoras e suas organizações. Pois, o que antes era apenas constatação por observação do desenvolvimento dos sítios e das parcelas de terra da reforma agrária onde foram implantados SAFs, agora é comprovação. Estudo realizado pela cooperação alemã Misereor junto às famílias do Semiárido assessoradas pelo Centro Sabiá e que implantaram SAFs nos seus sítios, comprovou os benefícios que esse sistema de produção trouxe para essas famílias.

O relatório aponta que os SAFs “ajudam na produção de uma expressiva diversidade e quantidade de alimentos, contribuindo para a promoção da segurança

alimentar”. Do ponto de vista dos serviços ambientais, a pesquisa comprova que as Agroflorestas, como chamam agricultores e agricultoras, conseguem fazer a fixação de carbono, contribuindo para o combate às mudanças climáticas e à desertificação. É também uma importante estratégia para a convivência com o ambiente Semiárido, considerando que os SAFs aumentam a disponibilidade de água para as plantas, além de fertilizar o solo.

Essas constatações animam também o movimento agroecológico que vem na luta por políticas públicas que garantam investimento para a agricultura familiar de base agroecológica. “Isso mostra que é possível produzir sem veneno, é possível produzir numa harmonia com a natureza, com o apoio da agricultura familiar pra que a gente vá construindo no país uma alternativa a essa prática dominante do agronegócio”, diz Maria Emília Pacheco da Executiva Nacional da Articulação Nacional de Agroecologia (ANA). ■



O casal de agricultores, Joelma e Roberto, da comunidade de Pedra Branca, município de Cumaru, Agreste de Pernambuco, participou da pesquisa da Misereor/Centro Sabiá

Foto: Inácio França/Marco Zero Conteúdo

FAO defende mudanças na produção de alimentos

E no Brasil deputados lutam pela aprovação do pacote de veneno

Por Laudence Oliveria



Foto: José Roberto Ripper

Na Comunidade Quilombola de Siqueira, Rio Formoso, Zona da Mata de Pernambuco, famílias apostam na agroecologia

O grito vem de órgão internacional, e não dos movimentos sociais que defendem a agroecologia, até porque o movimento agroecológico já sabe disso e insiste nesta tecla há muito tempo. A declaração vem de um órgão da

Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). A fala foi feita no final do mês de maio, durante evento internacional sobre a integração da administração sustentável de recursos nas políticas e práticas agrícolas, diz que se

faz necessário produzir alimentos de forma sustentável.

Essa constatação vem sendo amadurecida na Organização das Nações Unidas (ONU), nesses últimos dez anos. Em 2011, o então relator da ONU sobre direito à alimentação, Olivier Schuler, apresentou uma pesquisa realizada em países da África em 2008, onde se confirmou que a produção de alimentos de base agroecológica aumentou em 80% o seu rendimento produtivo. Num período de três a dez anos as famílias duplicaram sua produção de alimentos. Na ocasião, Olivier Schuler declarou ser necessário fortalecer a agroecologia. Disse, inclusive, que era papel do Estado investir nesse fortalecimento.

Sete anos pós declaração de Olivier Schuler, o atual diretor-geral da FAO, o brasileiro José Graziano da Silva, afirma ser urgente realizar mudanças na produção de alimentos no mundo. Diz ser necessário mudanças para "acabar com a fome, alcançar a segurança alimentar e melhoria da nutrição e promover a agricultura sustentável", declarou ele durante o diálogo internacional.

O Brasil na **Contramão**

Enquanto a ONU propõe mudanças na produção de alimentos no mundo, defendendo uma agricultura sustentável, o Brasil quer continuar abusado do uso de veneno. A bancada ruralista, no Congresso Nacional, tem se esforçado para aprovar o Projeto de Lei 6.299/2002, batizado de Pacote de Veneno. O relator do Projeto, o deputado Luiz Nishimori, do Partido da

República, do Paraná (PR-PR), já conseguiu sua aprovação na Comissão da Câmara de Deputados no final de junho.

Nishimori ressuscitou, 16 anos depois, o PL apresentado por Blairo Maggi, atual ministro da Agricultura, quando era deputado em 2002. Na prática, o Pacote de veneno que dá ao Ministério da Agricultura o poder de autorizar o uso

de agrotóxico, diminuindo o poder dos ministérios da Saúde e Meio Ambiente, que têm o papel de também regular esse uso. "A aprovação desse projeto traz questões graves, como entrar no mercado produtos que hoje não entram e que são perigosos para a sociedade", alerta um dos coordenadores da Associação Brasileira de Agroecologia (ABA), Rogério Dias.

Agricultura Urbana de Base Agroecológica: Plantando mais Vida na Cidade

Por Aniérica Almeida



Foto: Aniérica Almeida

As mulheres de Palha de Arroz estão transformando os seus quintais em lugar de produzir alimentos

A pesar do modelo urbanístico e das políticas públicas em geral negarem as raízes e resistências da agricultura na cidade, algumas experiências mostram que é possível praticar agricultura no meio urbano. As mulheres guerreiras da comunidade de Palha de Arroz, no bairro de Campo Grande, no Recife, mostram que isso é possível sim.

Um grupo de mulheres jovens e adultas que mora em um conjunto habitacional popular, em Palha de Arroz, há pouco mais de um ano realiza ações de agricultura urbana de base agroecológica. Elas têm o apoio da Coordenadoria Ecumênica de Serviço (CESE), em parceria com o Centro Sabiá e a FASE. Estão experimentando fazer horta comunitária e quintais

produtivos, contribuindo para cuidar do local onde vivem, substituindo cimento e concreto por produtos limpos e saudáveis. Jerimum, mamão, maracujá, milho, quiabo, maxixe, pepino e plantas medicinais são encontradas na horta e no quintal.

Para a jovem Catarina Memória, a horta é bastante importante. "Participar da horta é muito bom, pois estamos batalhando para deixar nossa comunidade mais bonita e com mais áreas verdes coisa que quase não tínhamos antes. Além disso, a horta é boa para a comunidade como um todo. Algumas pessoas já pegam plantas medicinais para fazer remédios caseiros diminuindo os gastos com remédios de farmácia."

Além da horta e dos quintais produtivos

Além da produção, as mulheres estão se organizando para tratar questões e problemas vivenciados por elas no dia a dia de sua comunidade. Problemas que têm relação com a negação de direitos básicos aos cidadãos e cidadãs de comunidades populares como acesso à saúde, educação, moradia digna, saneamento básico, alimentação adequada e segurança pública. Especialmente para as mulheres que enfrentam situações de violência das mais diversas.

“ Participar do projeto trouxe mais saúde para minha vida.

Sônia Rodrigues

Lindalmira Nascimento, também moradora de Palha de Arroz, destaca o trabalho da horta. "A horta deixa o nosso ambiente mais bonito e mais agradável, antes este espaço era cheio de lixo. Serve também como uma terapia para as mulheres da comunidade e para produção de alimentos saudáveis e da oferta de produtos para outras pessoas da comunidade", diz ela.

Para Sônia Rodrigues a iniciativa trouxe saúde para ela. "Participar do projeto trouxe mais saúde para minha vida. Antes vivia com depressão, mas agora me sinto muito bem quando estou trabalhando dentro da horta. Além disso, é importante porque aqui produzimos alimentos. Já colhemos frutas como mamão, maracujá e cana e hortaliças como o pepino", conta Sônia. ■

Campo e cidade unidos pela Agroecologia

Por Gabriel Venâncio*

Agroecologia e democracia unindo campo e cidade, este o tema do IV Encontro de Agroecologia (VI ENA), que reuniu no final de maio e início de junho, em Belo Horizonte, Minas Gerais, cerca de 2 mil pessoas de todos os estados brasileiros. Foi momento de troca de experiências entre agricultores e agricultoras e de discutir problemáticas que desrespeitam a agroecologia. Representantes das juventudes, das mulheres, indígenas, quilombolas, negros, grupos urbanos e camponeses entre outros, estiveram presentes.

A delegação de Pernambuco foi bem representada com mais de 48

participantes. Respeitou-se a paridade de gênero e a quantidade de jovens, indígenas, quilombolas, negros e LGBT. Todos e todas desenvolvem práticas agroecológicas em seus territórios e veem a agroecologia como uma alternativa de vida melhor. Um momento que chamou bastante atenção do público foi o das instalações artísticas pedagógicas. Foram 16 tendas representando 33 territórios dos estados brasileiros. Também teve 14 seminários temáticos, dentre eles um específico das juventudes, onde a Comissão de Jovens Multiplicadores da Agroecologia (CJMA) pode mostra sua experiência.

Sobre nossa participação

Para Ferreira Lima, do município de Catende, Zona da Mata Sul de Pernambuco e que faz parte da CJMA, foi um encontro gratificante. “Foi muito gratificante aprender para multiplicar nas bases. Vê que nessa luta eu não estou só, que o Brasil todo está querendo juntar o campo e a cidade em prol da agroecologia. E representar a Comissão no IV ENA é de um orgulho imenso, porque é dar visibilidade as juventudes camponesas. Mostramos para esse povo que a gente está mostrando que trabalhamos e que vamos ocupar nosso espaço”, sentencia.

“Para mim, Gabriel Venâncio, como jovem agricultor e estudante em agroecologia, senti-me privilegiado em poder participar de um encontro como esse, pois nele pude perceber mais uma vez que a agroecologia vai além do não uso do agrotóxico. É um conjunto de práticas que vai desde o cuidado com a terra até o respeito ao outros indivíduos. É saber respeitar a diversidade de gênero, raça, religião e muito mais. Melhor ainda foi poder participar como jovem multiplicador de agroecologia, onde dialoguei com as juventudes do campo e da cidade. E, saber que de fato estamos unindo campo e cidade na transformação pela agroecologia.”■

Foto: Laudence Oliveira



As juventudes realizaram plenária e atividades autogestionadas durante o IV ENA

*Gabriel Venâncio é Jovem Multiplicador da Agroecologia do município de Flores – Sertão de Pernambuco



O Programa em
Sintonia com
a Natureza está
de volta

Se ligue na Rádio Pajeú – 1500
todos os domingos
a partir das 6:30

ou acesse a nossa página:

www.centrosabia.org.br/radio

Nossas redes sociais:



/centrosabia



/centrosabia



/centrosabia



flickr.com/centrosabia



/centrosabia